



Interferência da fala na escrita: uma análise das produções textuais feitas por alunos do 7º ano em duas escolas públicas do interior de Minas Gerais

Speech interference in writing: an analysis of textual productions made by 7th grade students in two public schools in the interior of Minas Gerais

Deyse Souza Alves*
Maria Lúcia Oliveira Fernandes**
Marlúcia Maria Alves***

Recebido em: 22/11/2021
Aprovado em: 18/12/2021
Publicado em: 31/12/2021

RESUMO: Este artigo analisa a interferência da fala na escrita em produções de alunos do 7º ano de duas escolas públicas de Minas Gerais, a fim de contribuir com o trabalho docente em sala de aula para amenizar e/ou sanar as intercorrências apresentadas pelos estudantes em seus textos. Foram coletadas e analisadas 35 redações, predominantemente narrativas, das quais 14 apresentavam interferência da oralidade na grafia. Devido à pandemia, as produções foram feitas individualmente e enviadas no Google Classroom. O aporte teórico estabelece diálogo entre os desvios elencados por Pedrosa (2014) e Roberto (2016). Ademais, recorre-se aos conceitos fonéticos e fonológicos e às considerações sobre a linguística elaboradas por Silva (2003) e Cardoso (2009), além do gerativismo proposto por Chomsky e Halle (1968), passando pelas contribuições de Bortoni- Ricardo (2005) acerca da variedade da língua e seu impacto na escrita. A análise mostrou que a realidade linguística dos estudantes das duas escolas é semelhante, pois, nas produções consideradas, 36 desvios foram percebidos, sendo 17 casos nas redações da escola de Monte Carmelo e 19 na escola de Patrocínio. Ressalta-se que o desvio mais encontrado, a relação não biunívoca entre grafema e fonema, está presente nas amostras das duas instituições de ensino.

Palavras-chave: Processos fonológicos; Fala e escrita; Desvios linguísticos.

ABSTRACT: This article analyzes the interference of speech in writing in productions of 7th grade students from two public schools in Minas Gerais, in order to contribute to the teaching work in the classroom to mitigate and/or remedy the complications presented by students in their texts. Thirty-five essays were collected and analyzed, predominantly narratives, which fourteen presented oral interference in the spelling. Due to the pandemic, the productions were made individually and sent on Google Classroom. The theoretical contribution establishes a dialogue between the deviations listed by Pedrosa (2014) and Roberto (2016). In addition, the phonetic and phonological concepts and the linguistic considerations elaborated by Silva (2003) and Cardoso (2009), besides the generativity proposed by Chomsky and Halle (1968), through the contributions of Bortoni-Ricardo (2005) about the variety of the language and its impact on writing. The analysis showed that the linguistic reality of the students of the two schools is similar, because according to the productions considered, 36 deviations were perceived, being 17 cases in the essays of the school in Monte Carmelo and 19 in the school in Patrocínio. It is noteworthy that the most frequently found deviation, the non-biunambiguous relationship between grapheme and phoneme, is present in the samples of the two educational institutions.

Key-words: Phonological processes; Speech and writing; Linguistic deviations.

* Mestranda do Programa de Mestrado em Letras da Universidade Federal de Uberlândia. Atualmente é professora efetiva de Língua Portuguesa (LP) na Escola Estadual Professor Vicente Lopes Perez em Monte Carmelo/MG. ORCID: 0000-0002-0524-3103. E-mail: deysesouzaalves2@gmail.com.

** Mestranda do Programa de Mestrado Profissional em Letras da Universidade Federal de Uberlândia. Atualmente é professora de educação básica vinculada à Secretaria de Estado de Educação – MG. ORCID: 0000-0003-2841-8372. E-mail: muluof@hotmail.com.

*** Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Minas Gerais. Atualmente é pesquisadora e professora permanente no Profletras da Universidade Federal de Uberlândia. ORCID: 0000-0001-7896-8984. E-mail: marlucia.alves@gmail.com.

Introdução

Este trabalho é fruto dos estudos realizados no primeiro semestre de 2021 na disciplina Fonologia, Variação e Ensino, no Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Letras, ministrada pela Profa. Dra. Marlúcia Maria Alves. Nosso objetivo é refletir sobre os desvios relacionados à interferência da fala na escrita mais recorrentes na produção realizada por alunos da educação básica. Quando consideramos a língua como objeto de estudo, é necessário descrever quem são seus usuários e de que tipo eles são. No caso deste trabalho, estamos discorrendo acerca de falantes nativos da língua materna, ou seja, indivíduos que aprenderam a língua portuguesa desde criança e a têm como primeira língua, formando uma comunidade de fala, especificamente de alunos do 7º ano do ensino fundamental de duas escolas públicas localizadas nos municípios de Monte Carmelo e Patrocínio, no interior de Minas Gerais.

Para a produção deste artigo, partimos de alguns conceitos básicos sobre estudos linguísticos, apontados por Silva (2003), considerações sobre a linguística elencadas por Cardoso (2009), além de ressaltar os estudos gerativistas da linguagem de Chomsky e Halle (1968 *apud* SILVA 2003). Baseamos em Roberto (2016) e Bortoni-Ricardo (2005) para descrever os processos fonológicos e a relação entre a fala e a escrita. E, por fim, embasamos em Pedrosa (2014) para analisarmos algumas formas divergentes na escrita presentes nos textos. Por meio dessas abordagens discutiremos as seguintes questões: como se dá a manifestação da oralidade na escrita desses alunos, a considerar a língua materna dinâmica e suscetível a variações? Como percebemos a presença dos processos fonológicos na escrita do estudante? Qual a influência do idioleto na produção escrita?

Sabemos que muitos discentes escrevem por meio da simples assimilação com a fala, ou seja, transcrevem com exatidão a oralidade sem utilizar as convenções ortográficas. Segundo Pedrosa (2014), o sistema de escrita possui uma dificuldade considerável por apresentar dois tipos de organização: o primeiro, cujo princípio é relacionar fala e escrita; e o segundo, que busca anular a variação linguística e exclui a ligação fala/escrita.

A nossa motivação para este estudo surgiu a partir de observações feitas nos textos coletados, uma vez que os alunos são de diferentes localidades e utilizam, assim, variedades linguísticas distintas. Por vezes, lidamos com estudantes que possuem acesso limitado à norma culta em seu meio social, por isso é preciso refletir sobre a interferência de seu dialeto na escrita.

Acreditamos na relevância do papel do professor no processo ensino-aprendizagem, uma vez que ele é o fio condutor a direcionar o trabalho com a escrita no “chão” da sala de

aula. Por conseguinte, percebemos a importância deste estudo para nortear algumas práticas pedagógicas que buscam amenizar divergências na escrita.

Tendo em vista os pressupostos apresentados, o nosso artigo está organizado em quatro partes. Inicialmente elencamos considerações acerca da teoria, a qual embasou nossa reflexão sobre a influência da fala na escrita. Em seguida, apresentamos a metodologia utilizada para a coleta e análise de dados. Posteriormente, discutimos acerca da observação dos processos fonológicos atestados nas produções escritas e, por fim, tecemos considerações que julgamos pertinentes à nossa reflexão.

Fundamentação Teórica

Pensamos ser oportuno ao leitor fazer uma breve retomada sobre alguns conceitos teóricos importantes quando nos dispomos a refletir em um trabalho de fonética e fonologia sobre as interferências da fala na escrita. A princípio, convém lembrar que este trabalho tem por base a linguística, a qual, segundo Silva (2003, p. 11), “é a ciência que investiga os fenômenos relacionados à linguagem e que busca determinar os princípios e as características que regulam as estruturas das línguas”.

Como todo falante de uma língua, os usuários aos quais nos referimos neste trabalho fazem uso de variantes padrão e não-padrão. Sobre isso, Silva (2003, p. 12) aponta que “na maioria das vezes o que se determina como sendo uma variante padrão relaciona-se à classe social de prestígio e a um grau relativamente alto de educação formal dos falantes. Variantes não-padrão geralmente desviam-se destes parâmetros”. Ou seja, o que determina uma variante como padrão ou não-padrão nem sempre são os preceitos gramaticais tradicionais. Além disso, esses usuários também possuem um idioleto, visto que cada um deles tem suas particularidades de fala, as quais impactam na escrita, conforme discutiremos mais à frente.

Ademais, discorrer sobre os estudos linguísticos e não mencionar Saussure é praticamente impossível. Esse autor é considerado o “pai” da linguística e se insere num contexto estruturalista, propondo a dicotomia *langue* (língua) x *parole* (fala), a qual é importantíssima para os estudos da fonética e da fonologia. Cardoso (2009) nos apresenta contribuições sobre isso:

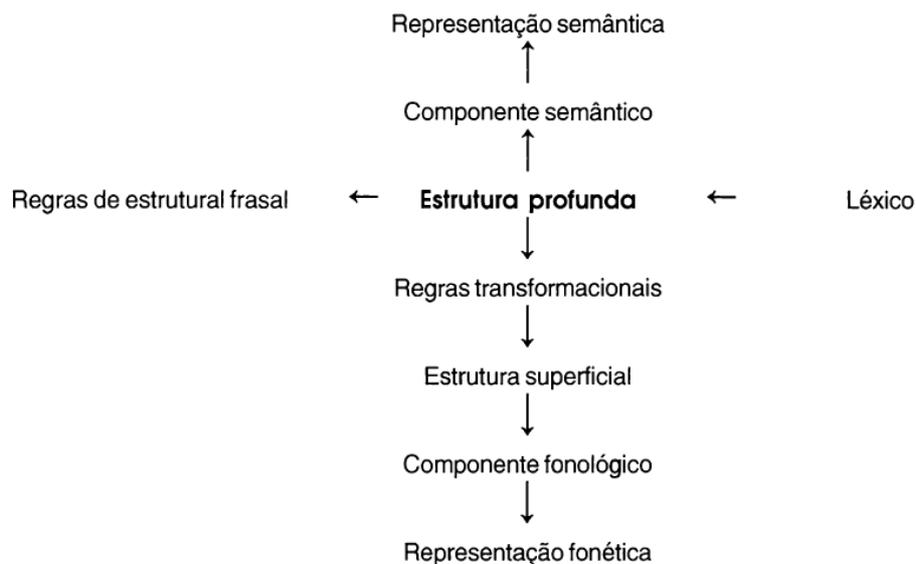
Relembremos aqui a dicotomia língua/ fala proposta por Saussure. A língua constitui um sistema linguístico compartilhado por todos os falantes de determinada língua. A fala expressa as idiosincrasias particulares de cada falante. Em termos fonético/ fonológico podemos dizer que fonologia e língua e fonética e fala são termos relacionados. A fonologia se relaciona com a língua (em termos de sistema linguístico) por definir um sistema

sonoro compartilhado em princípio por todos os falantes de uma determinada língua.

A fonética se relaciona com a fala e expressa as particularidades da fala de cada indivíduo. (CARDOSO, 2009, p. 11-12)

Às contribuições de Saussure, acrescentamos Chomsky (1965 *apud* SILVA, 2003), o qual propôs um estudo gerativista da linguagem. Segundo ele, existem nos usuários de uma língua os princípios da competência e do desempenho, os quais consistem, respectivamente, no “conhecimento subjacente e internalizado que o falante tem da língua e no uso que o falante faz de sua língua” (SILVA, 2003, p. 17). Ao relacionarmos os conceitos de Chomsky à dicotomia de Saussure, percebemos que a competência é semelhante à língua e o desempenho está relacionado à fala. Para Chomsky, os falantes nativos possuem uma competência ilimitada de sua língua e conseguem identificar erros de desempenho.

Mas por que essas considerações são importantes? Podemos responder a essa questão a partir da análise do seguinte diagrama disponibilizado por Silva (2003):



Fonte: (SILVA, 2003, p. 191)

A teoria gerativista sugere uma relação interativa entre as várias partes da descrição gramatical (sintaxe, semântica e fonologia) e, segundo Chomsky (1968 *apud* SILVA 2003), os estudos linguísticos podem ajudar a entender a origem da organização da mente do ser humano. Portanto, conforme apresentado no diagrama, o aspecto sonoro (fonológico) é parte intrinsecamente relacionada à teoria da gramática.

Tal contribuição é fundamental para que possamos compreender, segundo Silva (2003), o que são os processos e as regras fonológicas, já que é a fonologia gerativa padrão quem se dispôs a apresentar as oposições e distribuições realizadas nos sistemas sonoros

de modo a mostrar as generalizações conhecidas a partir da observação da prática de uso da língua. Sobre isso, a autora nos diz que

Processos fonológicos são formalizados por regras fonológicas. Regras fonológicas são elaboradas na forma $A \rightarrow B/C_D$ (sendo que ABCD são categorias opcionais). O símbolo A corresponde à descrição estrutural, o símbolo B corresponde à mudança estrutural para C ou pode segui-la, como é o caso de D. Uma regra do tipo $A \rightarrow B/C_D$ implica que uma sequência do tipo CAD será transformada em CBD. As regras fonológicas geram novas estruturas por meio de transformações. (SILVA, 2003 p. 191)

Considerar essa regra é importante, já que ela parte do modelo gerativo, o qual nos permite “mostrar generalizações, de forma que diferenças e semelhanças sonoras possam ser compreendidas com a compartilhamento de um ou mais processos fonológicos” (SILVA, 2003, p. 192). A compreensão e a formalização de regras fonológicas devem ser feitas, primeiramente, com a identificação e classificação dos chamados traços distintivos presentes na representação segmental. Para isso, apresentamos dois conceitos retratados por Chomsky e Halle (1968 *apud* SILVA 2003): a posição neutra e o vozeamento espontâneo. “O primeiro refere-se à configuração do trato vocal no momento anterior ao início da produção da fala. O segundo refere-se às diferenças de pressão do ar abaixo da glote e acima da glote e à configuração das cordas vocais” (SILVA, 2003, p. 193). Tais conceitos estão presentes na definição de traços distintivos importantes para a análise da língua portuguesa, os quais corroboram com a matriz fonética do português apresentada a seguir.

Matriz fonética

	p	b	t	d	k	g	tʃ	dʒ	f	v	s	z	ʃ	ʒ	h	m	n	ɲ	l	ʎ	r	i	e	ɛ	a	ɔ	o	u	ɪ	ɐ	ʊ
consonantal	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
silábico	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
soante	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
contínuo	-	-	-	-	-	-	-	-	+	+	+	+	+	+	+	-	-	-	-	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
solt. retardada	-	-	-	-	-	-	+	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
nasal	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
lateral	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
anterior	+	+	+	+	-	-	-	-	+	+	+	+	-	-	-	+	+	-	+	-	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
coronal	-	-	+	+	-	-	-	-	-	-	+	+	+	+	-	+	+	+	+	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
alto	-	-	-	-	+	+	-	-	-	-	-	-	+	+	+	-	+	-	+	-	+	-	-	-	-	-	-	+	+	+	+
recuado	-	-	-	-	+	+	-	-	-	-	-	-	-	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+	+	+	+	-	+
arredondado	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+	+	+	-	+
baixo	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+	+	+	-	-	-
vozeado	-	+	-	+	-	+	-	+	-	+	-	+	-	+	-	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
tenso	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	-	-

Fonte: (SILVA, 2003, p. 195)

A partir da observação da matriz apresentada anteriormente, podemos realizar transcrições fonéticas e compreender que cada palavra é percebida como uma sequência de colunas de traços distintivos (SILVA, 2003). Ilustramos essa afirmação com um exemplo dado pela autora Silva (2003), a partir da representação fonética da palavra 'vida'.

	[v]	[i]	[d]	[ə]
	v	i	d	* ə
consonantal	+	-	+	-
silábico	-	+	-	+
soante	-	+	-	+
contínuo	+	+	-	+
solt. retardada	-	-	-	-
nasal	-	-	-	-
lateral	-	-	-	-
anterior	+	-	+	-
coronal	-	-	+	-
alto	-	+	-	-
recuado	-	-	-	+
arredondado	-	-	-	-
baixo	-	-	-	-
vozeado	+	+	+	+
tenso	+	+	+	-

Fonte: (SILVA, 2003, p. 195)

Temos nesse caso uma ocorrência de regra fonológica, segundo a qual ocorre redução vocálica postônica, por isso a representação fonológica /'vida/ foi colocada foneticamente como ['vidə], o que não aconteceria com a palavra 'má', por exemplo, já que nesse caso as representações fonológica e fonética ficariam iguais: /'ma/, ['ma].

Ainda sobre as regras fonológicas, precisamos salientar que elas acontecem principalmente de três formas diferentes: 1) transformam segmentos; 2) cancelam segmentos; 3) inserem segmentos. Um exemplo de transformação ocorre quando o segmento /l/ é transformado em [w] na posição final de sílaba, como na palavra sal→['saw]. Já um exemplo de cancelamento, ocorre quando pluralizamos a palavra sal→sais, nesse caso, a consoante 'l' dá lugar à vogal 'i' seguida de 's'. Podemos observar que esse exemplo mostra, ao mesmo tempo, um cancelamento e uma inserção, já que, ao ser cancelada, a consoante 'l' dá lugar à inserção da vogal 'i'. Roberto (2016, p.129) pontua que

Regras fonológicas explicitam generalizações, tomando como base a simplicidade envolvida na contagem de traços que caracterizam os

segmentos. Essas regras são definidas adotando-se uma linguagem formal que facilita os estudos da área, como ocorre com a linguagem matemática ou lógica. Em outras palavras, quando a mudança é previsível sob determinadas condições, podemos formular uma regra.

Ou seja, quando um grupo de falantes realiza de modo sistemático o mesmo processo, essa ocorrência torna-se digna de estudo e pode ser colocada como regra fonológica. Um exemplo disso é a ocorrência de som fricativo do [t] quando antecede a vogal [i], como é o caso da palavra “tia” quando pronunciada [tʃiə] no interior de Minas Gerais, por exemplo. Essas considerações nos levam a perceber que a língua não é estática, ou seja, ela sofre mudanças que podem ser estudadas tanto numa perspectiva diacrônica quanto sincrônica¹. Neste trabalho, tecemos reflexões acerca de processos fonológicos na perspectiva sincrônica, uma vez que nos interessa refletir sobre a realização desses processos em exemplares de redações de jovens contemporâneos de duas escolas públicas mineiras.

Para isso, é primordial dizer ao leitor que consideramos os processos fonológicos, tal qual Roberto (2016), como um mecanismo de facilitação da realização de um som ou de um grupo de sons, tanto pela criança, que está adquirindo a linguagem, quanto pelo adulto nos momentos cotidianos de comunicação. Acreditamos que esse estudo é relevante porque nos dá pistas sobre várias situações relacionadas ao processo de aquisição da linguagem, à alfabetização, aos problemas fonoaudiológicos, ao processamento psicolinguístico, além de propiciar reflexões acerca das variações fonéticas presentes em um grupo de usuários da língua, por exemplo.

Em razão dessas variações, acreditamos que a relação entre a fala e a escrita merece atenção, já que, conforme pontuou Marcuschi (2000 *apud* PEDROSA, 2014), a comunicação é uma atividade de interação, na qual se desenvolvem também as práticas de letramento, ou seja, fala e escrita são complementares e precisam ser desenvolvidas de modo competente nos usuários de uma língua, a fim de que esses compreendam aquilo que Bortoni-Ricardo (2004 *apud* PEDROSA, 2014) chamou de adequação, conceito referente ao parâmetro a ser desenvolvido nos interlocutores para que esses consigam, de fato, estabelecer comunicação em qualquer contexto.

Sabemos que o processo de desenvolvimento da linguagem escrita é complexo e demanda vários coeficientes, muitas vezes, alheios ao contexto escolar, como, por

¹ Lembramos ao leitor os conceitos de Diacronia e Sincronia na perspectiva linguística. Segundo Dubois et al. (2006), os estudos são diacrônicos na medida em que têm como ponto de vista a evolução dos fatos linguísticos, na sua mudança de um momento a outro da história. Já os estudos sincrônicos são, também segundo Dubois et al. (2006), aqueles que visualizam a língua num momento específico, ou seja, em um determinado tempo.

exemplo, fatores psíquicos relacionados ao meio familiar e condições de saúde da criança. Somamos a isso o fato de “a língua portuguesa apresentar um sistema alfabético ortográfico que busca representar os sons por meio de um sistema fonográfico normatizado pela ortografia” (PEDROSA, 2014, p. 59), no qual figuram três situações: 1) a relação biunívoca entre grafema e fonema, como na palavra ‘bola’, em que a letra “b” é representada pelo som /b/; 2) a relação não biunívoca entre grafema e fonema, como na palavra ‘assado’, em que o “ss” é representado pelo som /s/; 3) a relação dos aspectos variáveis da fala com a escrita, como acontece com a vogal “e” final na palavra ‘pente’, a qual assume o som [ɪ].

Podemos, a partir das considerações realizadas, refletir acerca da transferência de alguns fenômenos típicos da fala na escrita. Para isso, consideramos, além dos ensinamentos de Pedrosa (2014), que Roberto (2016) nos fornece, de forma bem didática, uma categorização dos processos fonológicos em quatro grupos: processos por apagamento ou supressão; processos por acréscimo; processos por transposição e processos por substituição. Diante disso, apresentamos, de forma detalhada, na seção de análise deste artigo, os processos encontrados nas redações recolhidas.

Metodologia

Para a realização deste trabalho, utilizamos uma metodologia bibliográfica qualitativa, uma vez que nos apoiamos em referenciais teóricos acerca da temática aqui produzida. A partir dessa bibliografia analisamos os desvios encontrados em 35 (trinta e cinco) redações coletadas de alunos de duas escolas públicas localizadas nos municípios de Monte Carmelo e Patrocínio, no interior de Minas Gerais.

A primeira escola está localizada na região central de Monte Carmelo e atende a alunos de 6º ano do ensino fundamental ao 3º ano do ensino médio. Atualmente possui cerca de 1500 alunos, matriculados em três turnos de funcionamento, pertencentes a diversas classes sociais, tanto da zona urbana, quanto da zona rural. A segunda escola situa-se em um bairro periférico da cidade de Patrocínio e atende cerca de 1000 alunos de 1º ano do ensino fundamental ao 3º ano do ensino médio, predominantemente, estudantes do próprio bairro em que a escola se insere, além de discentes da zona rural, em dois turnos de funcionamento: matutino e vespertino.

As propostas de escrita que foram solicitadas aos discentes partiram das autoras deste trabalho e tiveram por objetivo fazer com que os estudantes escrevessem textos majoritariamente de sequência narrativa. Como estamos em período de aulas remotas, denominado Reanp (Regime de Atividades Não Presenciais), pela Secretaria de Estado de

Educação de Minas Gerais (SEE/MG), a coleta dessas produções se deu por meio do uso do aplicativo Conexão Escola 2.0² a partir de formulários do Google Forms disponibilizados pelas pesquisadoras em suas turmas, onde os alunos anexaram fotografias dos textos produzidos. Infelizmente, por vários motivos que não cabem aqui ser discutidos, nem todos os discentes conseguiram entregar suas produções, o que fez com que o universo desta pesquisa ficasse limitado aos 35 textos recebidos.

A partir da coleta das produções textuais, fizemos a transcrição das narrativas e procedemos à análise dos desvios encontrados. Como o objetivo deste trabalho está relacionado à investigação da interferência da fala na escrita, contabilizamos apenas os desvios com essa característica, os quais estavam presentes em 14 exemplares e serão descritos e analisados a seguir.

Descrição e análise dos dados

Iniciamos aqui nossa reflexão e análise dos dados coletados. Trata-se de um detalhamento dos desvios encontrados nos textos produzidos pelos alunos. Do universo de 35 redações, foram selecionadas quatorze produções escritas por adolescentes de ambos os sexos, sendo oito do sexo masculino e seis do sexo feminino. Os estudantes possuem, em média, 12 anos e frequentam as escolas já mencionadas.

Nos textos em análise, encontramos 36 interferências da fala na escrita, sendo elas: 1) relação não biunívoca entre grafema e fonema; 2) alçamento; 3) uso de uma oclusiva vozeada alveolar no lugar de uma oclusiva vozeada velar; 4) apagamento de semivogal/monotongação; 5) elisão; 6) vocábulos fonológicos constituídos de duas ou mais formas livres ou dependentes grafadas como um vocábulo formal; 7) assimilação do traço de nasalidade; 8) abaixamento da vogal inicial; 9) hipossegmentação; 10) acréscimo de semivogal/ditongação; 11) vocalização da lateral; 12) apócope: apagamento do “r” do infinitivo; 13) alternância das terminações am x ão; 14) epêntese; 15) apagamento de consoante em sílaba inicial e 16) troca de consoante em coda medial. A seguir apresentamos a quantificação dos casos encontrados.

² Desde maio/ 2020 as escolas públicas de Minas Gerais estão funcionando na modalidade remota, o Reanp, em decorrência da suspensão das aulas presenciais durante a pandemia da Covid-19. Em 2021, a SEE/MG implantou o uso do aplicativo Conexão Escola 2.0, o qual possibilita a alunos e professores o uso de ferramentas do Google Education, disponibilizadas nos e-mails institucionais de discentes e docentes.

Interferências da fala na escrita	Quantidade
1) relação não biunívoca entre grafema e fonema	17
2) alçamento	02
3) uso de uma oclusiva vozeada alveolar no lugar de uma oclusiva vozeada velar	01
4) apagamento de semivogal/monotongação	01
5) elisão	01
6) vocábulos fonológicos constituídos de duas ou mais formas livres ou dependentes grafadas como um vocábulo formal	01
7) assimilação do traço de nasalidade	01
8) abaixamento da vogal inicial	01
9) hipossegmentação	02
10) acréscimo de semivogal/ditongação	01
11) vocalização da lateral	02
12) apócope: apagamento do “r” do infinitivo	01
13) alternância das terminações am x ão	01
14) epêntese	02
15) apagamento de consoante em sílaba inicial	01
16) troca de consoante em coda medial	01
Total:	36

FONTE: elaborada pelas autoras com base nas produções coletadas

Considerando o desvio mais recorrente nos textos selecionados, percebemos que se trata da relação não biunívoca entre grafema e fonema, a qual, segundo Pedrosa (2014), ocorre quando existe mais de uma possibilidade de grafia para um único fonema ou o contrário, quando mais de um fonema pode ser representado por uma mesma forma gráfica. Exemplificamos abaixo essa ocorrência com fragmentos dos informantes ML1 e D2³. Salientamos que foi incluída a pontuação, a fim de facilitar a compreensão do leitor.

ML1: [...] após isso, ela percebeu que estava cheia de *bixinho* de pé.

D2: [...] queria pedir ajuda por esse *sidadão*.

Na palavra “bixinho” acontece uma relação não biunívoca, pois o som /ʃ/ deveria ser representado pelo dígrafo “ch”, contudo o aluno utilizou a letra “x” para representá-lo. Situação semelhante ocorre com a palavra “cidadão”, na qual o som /s/ deveria ser representado pela letra “c”, no entanto foi utilizada a letra “s” para isso. Essas situações demonstram que ainda não há uma consolidação ortográfica por parte desse usuário da língua.

Outro desvio que encontramos caracteriza-se pela presença de alçamento, o qual, segundo Roberto (2016), trata-se da alteração de uma vogal por outra mais alta. Esse

³ Para fins de organização deste trabalho, codificamos os alunos de forma a garantir o sigilo das suas identidades.

processo acontece quando as vogais átonas de final de sílaba /e/ e /o/ são substituídas por /i/ e /u/. Percebemos essa situação no exemplar do informante ML2, no seguinte trecho:

ML2: [...] mas *au londo* do tempo ele foi ficando mais velho e foi perdendo o medo.

Vemos nesse caso que a palavra “au” foi grafada com uso da vogal alta /u/ no lugar da vogal média-alta /o/, o que caracteriza o alçamento.

Ainda nesse exemplo, encontramos outro desvio: o uso da consoante “d”, a qual é uma oclusiva vozeada dental no lugar da consoante “g”, uma oclusiva vozeada velar. Essas duas consoantes se diferenciam pelo lugar de articulação. Segundo Silva (2003, p. 32):

Alveolar: o articulador ativo é o ápice ou a lâmina da língua e como articulador passivo temos os alvéolos. Consoantes alveolares diferem de consoantes dentais apenas quanto ao articulador passivo. Em consoantes dentais temos como articulador passivo os dentes superiores. Já nas consoantes alveolares temos os alvéolos como articulador passivo.

[...]

Velar: o articulador ativo é a parte posterior da língua e o articulador passivo é o véu palatino ou palato mole.

Percebemos nessas considerações que a troca de consoantes executada pelo estudante é sutil, porém perceptível nos exemplares que analisamos.

Verificamos também a ocorrência do processo de apagamento de semivogal, conhecido como monotongação. Nesse caso, como o próprio nome indica, acontece o desaparecimento da semivogal presente em um ditongo no final de sílaba. Exemplificamos isso por meio do informante ML4:

ML4: Eu *so* um garoto, tenho 11 anos [...].

Nessa situação vemos a exclusão da vogal /u/, ocasionada por um processo claro de interferência da fala na escrita, visto que, na região onde os textos foram coletados, a variação linguística utilizada pelos usuários caracteriza-se pela pronúncia de ['so] e não ['sow]. Ou seja, o apagamento do som da vogal na fala manifestou-se na escrita.

Encontramos, ainda, um caso de elisão. Esse processo está relacionado àquilo que Roberto (2016) chamou de ressilabação. Segundo a autora:

A ressilabação é um processo decorrente do fenômeno de sândi, que ocorre no interior de palavras ou na fronteira entre elas. Manifesta-se devido ao fato de dois núcleos silábicos entrarem em contato, levando ao desaparecimento de um deles, prosodicamente o mais fraco, que tende a ser a átona final, comumente mais fraca do que a pretônica inicial, quando a ressilabação se dá em fronteiras de palavras. (ROBERTO, 2016, p. 126-127)

De acordo com a mesma autora, existem vários tipos de sândi, entre eles a elisão, a qual se manifesta pela “queda ou cancelamento de um elemento fonético-fonológico, que pode ocorrer dentro da palavra ou não” (ROBERTO, 2016, p.127). Salientamos que apenas

ocorrerá elisão se as duas vogais relacionadas forem átonas, como podemos observar no fragmento do informante ML5:

ML5: [...] mas até *quem fim* chegou.

Nessa situação observamos que a ressilabação aconteceu por meio da fusão da vogal átona final /e/ na palavra “que” com a vogal átona inicial /e/ da palavra “enfim”, o que gerou uma nova configuração de sílaba, formando, assim, a palavra “quem”. Atentamos aqui para o fato de o informante apresentar uma certa consciência ortográfica da língua portuguesa ao escrever o vocábulo “quem” com “m” ao final ao invés de “n”.

Outro processo percebido por nós, ao longo de nossa análise, nas redações coletadas foi o que Mattoso Câmara Jr (1975 *apud* BORTONI-RICARDO 2005, p. 55) chamou de uso de “vocábulos fonológicos constituídos de duas ou mais formas livres ou dependentes grafadas como um vocábulo formal”. Verificamos tal ocorrência no fragmento pertencente ao informante ML5:

ML5: *Oque* tem na caixa?

Na situação retratada, vemos que a expressão “o que” foi redigida como uma única palavra “oque”, configurando, dessa forma, apenas um vocábulo. Concordamos com a afirmação de Velma Pickett (1981), segundo a qual “o conceito de palavra não é universalmente intuitivo; sua identificação é afetada por fatores culturais” (VELMA PICKETT, 1981 *apud* BORTONI-RICARDO 2005, p. 55), ou seja, muitas vezes o usuário da língua não possui conhecimento pleno sobre as convenções ortográficas, o que impacta nos desvios de grafia de algumas palavras e/ou expressões.

Outro exemplo que encontramos de intercorrência da fala na escrita está em um caso de assimilação do traço de nasalidade. De acordo com Roberto (2016), o processo de assimilação acontece quando um segmento assume traços semelhantes ao segmento vizinho, como acontece no texto do informante ML6:

ML6: Meu *prensente* mais *emteressante* foi um cachorro e dois gatos.

Percebemos, nesse caso, que o som /e/ da primeira sílaba foi nasalizado por meio da inserção da consoante “n”, formando o som [ẽ], prova de que a sílaba não acentuada assimilou o traço de nasalidade da sílaba tônica, a qual, comumente, influencia as sílabas próximas. Ainda nesse exemplo, percebemos outro desvio: o abaixamento da vogal inicial no vocábulo “emteressante”. A vogal alta pretônica /i/ foi substituída pela vogal média-alta pretônica /e/. Silva (2003) aponta que as vogais [ɛ] e [ɔ], quando em posição pretônica, se tratam de condições específicas, pois são marcas de variedade linguística ou do idioleto do falante. Notamos, por conseguinte, um claro exemplo de intercorrência da fala na escrita do aluno.

Dando continuidade à análise dos desvios por nós encontrados nos textos, elencamos a hipossegmentação, a qual consiste na divisão de uma palavra formando outras duas, conforme detectamos no exemplar do informante ML6.

ML6: [...] foi presente de aniversário da minha *bisa vó*.

Nesse caso, ocorreu a hipossegmentação do substantivo bisavó sob a forma de dois vocábulos: *bisa + vó*. Acreditamos que isso também seja uma interferência da fala na escrita, visto que, em geral, as pessoas se referem às bisavós como “bisas” e utilizam “vó” como uma redução de *avó*. Provavelmente, essas duas situações, típicas da oralidade, levaram o aluno a redigir dessa forma.

Outro desvio percebido nos textos foi a presença da ditongação que, de acordo com Pedrosa (2014), trata-se do acréscimo do glide [j] após uma vogal, formando um ditongo ao se unir a ela. Identificamos esse desvio, por meio do texto produzido pelo informante ML6.

ML6: [...] não sabemos o que aconteceu *mais* os dois gatinhos morreram.

O estudante acrescentou à vogal /a/ o glide/semivogal [j], realizando, assim, uma ditongação. Importante salientarmos que a diferenciação de significados entre o vocábulo escrito “mais” e a intenção de escrita “mas” ainda não está consolidada para esse discente. Percebemos ainda duas ocorrências do processo de vocalização da lateral. De acordo com Silva (2003, p. 63):

Na maioria dos dialetos do português brasileiro, o que ocorre é um processo de vocalização do l. De acordo com tal processo, articulamos um segmento com a qualidade vocálica de u na posição correspondente ao “l” ortográfico em posição final de sílaba: “sal, salta”. Adotamos o símbolo [w] para transcrever tal segmento.

Essa situação é perceptível no fragmento do informante D1:

D1: Moradores reclamam pela *fauta* de coleta de lixo e tratamento de esgoto.

Nessa ocorrência, vemos novamente uma clara interferência da fala na escrita, visto que, na região em que coletamos os textos, a pronúncia da palavra “falta” é [ˈfawtə] e não [ˈfaʎtə], como ocorreria em alguns lugares do sul do Brasil.

Consideramos ainda a presença de uma apócope caracterizada pelo apagamento da desinência -r de infinitivo no verbo destacado no trecho do informante ML8:

ML8: [...] a Mel gosta de *dormi* comigo.

Nesse caso, houve um apagamento ou supressão do fonema /h/. Novamente, percebemos, então, a interferência da fala na escrita, visto que se trata de uma variedade da língua eliminar esse som ao pronunciar os verbos no infinitivo. No caso relatado, temos a seguinte transcrição: [ˈdo:mi], ao invés de [ˈdo:mi.u].

Analisando ainda os desvios recorrentes nos textos, encontramos um caso de alternância das terminações am x ão, característica da permuta de terminações homófonas.

Situação encontrada na redação do informante ML8:

ML8: As duas se *dam* muito bem.

Percebemos que houve uma modificação morfofonológica nomeada por Zorzi (1998) como confusões das terminações -ão e -am. É importante observarmos que a terminação -am, utilizada pelo informante, é construída por uma vogal temática mais uma desinência número- -pessoal. Ao contrário da terminação -ão que se constitui apenas de uma desinência modo- -temporal. Essas terminações, por serem homófonas, são passíveis de confusão e também se categorizam como interferências da fala na escrita.

Identificamos, ainda, nos textos analisados, dois casos de epêntese que, de acordo com Roberto (2016), é um dos processos fonológicos por acréscimo e se refere, portanto, à inserção de uma vogal no interior de palavras. Esse processo é bastante frequente quando o falante apresenta alguma dificuldade articulatória ou quando a sílaba foge do padrão canônico do português. Analisamos o exemplo retirado do texto do informante D3: D3: A população está *indiguinada*.

Nesse caso houve a adição da vogal epentética [i] à sílaba “dig”, a qual foge do padrão clássico do português por apresentar uma consoante oclusiva vozeada velar “g” desacompanhada da vogal /i/, o que faz com que a palatalização de consoantes velares, quando seguidas dessa vogal, aparentemente deixe de ocorrer, o que provavelmente levou o aluno, motivado pela fala, a realizar a epêntese nesse caso, numa tentativa de concretizar essa palatalização. Afirmamos isso embasadas em Silva (2003, p. 117):

Outro aspecto importante na organização da cadeia sonora da fala é a maneira como segmentos consonantais e vocálicos afetam segmentos adjacentes (que os precedem ou que os seguem). Sendo a fala um contínuo, observamos que um segmento pode ser alterado por um segmento que o precede ou que o segue. A alteração de um segmento a partir de segmentos adjacentes se dá pelo fato de os segmentos em questão compartilharem de certas propriedades fonéticas. Um exemplo do português é a palatalização de consoantes velares - [k,g] - quando estas são seguidas da vogal i: “quilo” e “guia”. A propriedade de ser anterior da vogal i é compartilhada pela consoante precedente [k,g].

Dessa forma, a epêntese realizada pelo aluno possui uma explicação teórica que se materializa na prática.

O próximo caso de interferência da fala na escrita refere-se ao apagamento de consoante em início de sílaba. Roberto (2016) afirma que esse tipo de apagamento pode

acontecer em várias posições silábicas, como por exemplo, em começo de sílaba. Esse caso está presente no texto do informante D3.

D3: As ruas estão muito sujas, os moradores mais *umildes* [...].

Percebemos nessa situação que o estudante apaga a consoante “h” que deveria estar presente no início do adjetivo “humildes”. Provavelmente isso acontece porque essa consoante em início de sílaba não apresenta som. Dessa forma, a transcrição fonética da palavra é: [u'miwɔls], ou seja, a presença da consoante “h” inicial não altera a sua pronúncia.

Encontramos ainda um caso de troca de consoante em coda medial. Segundo Pedrosa (2014), “apenas as consoantes /S, L, N, R/ podem ocupar a posição de coda e essas consoantes se apresentam em processo de variação” (PEDROSA, 2014, p. 66). Assim, verificamos uma permuta no exemplo retirado do informante D3.

D3: [...] pois além das dificuldades *finalceiras* [...]

Nessa ocorrência, houve a substituição da consoante em posição de coda /N/ pela consoante /L/, fato que, ainda segundo Pedrosa (2014) representa uma variação linguística comprovada por vários estudos efetuados acerca dessa posição no português do Brasil.

Por fim, verificamos também a troca de um som oclusivo velar vozeado por um som oclusivo velar desvozeado. Lembramos que, segundo Silva (2003), o som oclusivo é oral, já que o modo de articulação, nesse caso, é caracterizado por “articuladores que produzem uma obstrução completa da passagem da corrente de ar através da boca”. A autora afirma ainda que nessa situação “o véu palatino e o ar que vem dos pulmões encaminha-se para a cavidade oral” (SILVA, 2003, p.33). Já o conceito de velar está relacionado ao lugar de articulação, pois conforme Silva (2003) “o articulador ativo é a parte posterior da língua e o articulador passivo é o véu palatino ou palato mole” (SILVA, 2003, p. 32). Por sua vez, o conceito de vozeado e desvozeado refere-se ao estado da glote, posto que

Diremos que o estado da glote é vozeado (ou sonoro) quando as cordas vocais estiverem vibrando durante a produção de um determinado som. [...] Em oposição, denominamos o estado da glote de desvozeado (ou surdo) quando não houver vibração das cordas vocais. (SILVA, 2003, p.27)

Encontramos, nos textos selecionados, um exemplo desse caso, no informante D4:

D4: [...] e *ninguém* colabora para ajudar.

Percebemos, então, a troca da consoante oclusiva velar vozeada /g/ pela consoante oclusiva velar desvozeada /k/. Trata-se de uma diferença sutil, uma vez que esses sons possuem as mesmas características quanto à maneira e ao lugar de articulação, diferindo-se apenas quanto ao estado da glote no momento da sua execução.

Diante das análises apresentadas, verificamos a presença dos diversos processos fonológicos, elencados por Pedrosa (2014) e Roberto (2016), atrelados à interferência da fala na escrita. Predominantemente, vimos que a relação não biunívoca entre grafema e fonema aconteceu em quase metade dos casos analisados, o que nos chama a atenção para esse fenômeno.

Comparando o universo de pesquisa, percebemos que, em 36 casos, 17 ocorrências aparecem na escola de Monte Carmelo, enquanto 19 interferências aparecem na escola de Patrocínio, o que nos leva a refletir que a realidade linguística dos estudantes é semelhante, visto que várias situações ocorreram de forma parecida nas duas escolas e se manifestaram em discentes de ambos os sexos.

Considerações finais

A partir do estudo realizado, percebemos que, de fato, ocorre uma interferência da fala na escrita dos estudantes, visto que, conforme Bortoni-Ricardo (2005, p.53):

Quando lidamos com alunos que têm acesso muito limitado à norma culta em seu ambiente social, temos de levar em conta a interferência das regras fonológicas e morfossintáticas de seu dialeto na aprendizagem do português-padrão. Os erros que cometem são sistemáticos e previsíveis quando são conhecidas as características do dialeto em questão[...].

Dessa forma, visualizamos, também, como a variação linguística impacta no desenvolvimento do domínio da norma culta na escrita dos estudantes. Tais considerações são importantes para que o professor possa ter um ponto de partida no trabalho de intervenção pedagógica a ser realizado com os alunos, uma vez que a língua é dinâmica e suscetível a variações, as quais muitas vezes são estigmatizadas por fazerem parte da fala de uma população não pertencente às camadas mais abastadas da sociedade. A partir dessa consideração, vemos o quanto o modo de falar de uma pessoa é sobreposto à escrita, conforme percebemos nas redações analisadas neste artigo.

Salientamos, ainda, a presença dos processos fonológicos descritos por Roberto (2016) nas redações consideradas neste trabalho e reafirmamos que eles se fazem presente porque, de fato, conforme pontuou essa autora, “são inatos, naturais e universais” (ROBERTO, 2016, p. 117), visíveis, principalmente na fase de aquisição da linguagem, como é o caso do nosso objeto de pesquisa, em que confirmamos diversas vezes a ocorrência desses processos e a influência do idioleto na escrita.

Diante disso, sugerimos ao professor que se atente para as manifestações de interferência da fala na escrita de seus alunos e trabalhe com eles, primeiramente, como

se dá a associação direta entre letra e som, o que Pedrosa (2004) chamou de relação biunívoca entre grafema e fonema.

Na sequência, recomendamos que o docente desenvolva um trabalho com vistas a mostrar para seus estudantes as diversas possibilidades que uma mesma letra pode ter de som ou vice-versa, que um mesmo som pode ocorrer com várias letras (relação não biunívoca entre grafema e fonema). Ressaltamos aqui a necessidade de isso ser feito por meio do uso de textos de diversos gêneros textuais/discursivos, a fim de que os discentes consigam assimilar, a partir da observação e do contato com a língua em situações reais de comunicação, as convenções ortográficas de seu idioma.

Por fim, aconselhamos ao docente que procure conhecer as variedades linguísticas utilizadas por seus alunos, a fim de não estigmatizá-las e ter condições de elaborar materiais próximos à realidade dos estudantes para que eles se sintam representados e encorajados a produzir textos espontâneos e a participar do processo aquisitivo da modalidade culta da língua de modo dinâmico, com a consciência de que os desvios, por vezes realizados, fazem parte da aprendizagem e, ao contrário do que se pensa, são esperados na etapa escolar.

Assim, almejamos que este trabalho possa servir de embasamento para a prática docente, no intuito de se perceber que os estudos fonéticos e fonológicos são extremamente importantes para a melhoria da qualidade das aulas de língua materna e desejamos que esta pesquisa não seja um fim em si mesma, mas uma oportunidade de motivar outros professores a aprimorarem seus conhecimentos sobre a interferência da fala na escrita dos alunos.

REFERÊNCIAS

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. Análise e diagnose de erros no ensino da língua materna. In: BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós chegemos na escola, e agora?: sociolinguística & educação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. Cap. 5. p. 53-59.

CARDOSO, Denise Porto. **Fonologia da Língua Portuguesa**. São Cristóvão: Universidade Federal do Sergipe: Cesad, 2009.

DUBOIS, Jean *et al.* **Dicionário de Linguística**. São Paulo: Cultrix, 2006.

PEDROSA, Juliene Lopes. Variação fonético-fonológica e ensino de Português. In: MARTINS, Marco Antonio; VIEIRA, Maria Alice Silva Rodrigues (org.). **Ensino de português e sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2014. p. 57-79.

ROBERTO, Tania Mikaela Garcia. Processos fonológicos. In: ROBERTO, Tania Mikaela Garcia. **Fonologia, fonética e ensino: guia introdutório**. São Paulo: Parábola Editorial, 2016. Cap. 5. p. 117-135.

SILVA, Thaís Cristófar. **Fonética e Fonologia do Português: roteiro de estudos e guia de exercícios**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

THE International Phonetic Alphabet. Disponível em: <http://westonruter.github.io/ipa-chart/keyboard/>. Acesso em: 06 jul. 2021.

ZORZI, J. L. **Aprendizagem e distúrbios da linguagem escrita: Questões clínicas e educacionais**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

Como citar este artigo (ABNT)

ALVES, D.S.; FERNANDES, M.L.O.; ALVES, M.M. Interferência da fala na escrita: uma análise das produções textuais feitas por alunos do 7º ano em duas escolas públicas do interior de Minas Gerais. SELL, Uberaba, MG, v. X, n. X, p. XXX-XXX, 2021. Disponível em: <inserir link de acesso>. Acesso em: inserir dia, mês e ano de acesso. DOI: inserir link do DOI.

Como citar este artigo (APA)

ALVES, D.S.; FERNANDES, M.L.O.; ALVES, M.M. Interferência da fala na escrita: uma análise das produções textuais feitas por alunos do 7º ano em duas escolas públicas do interior de Minas Gerais. SELL, X (X), XXX-XXX. Recuperado em: inserir dia, mês e ano de acesso de inserir link de acesso. DOI: inserir link do DOI.